

109 – Março de 2009

Meu computador perdeu sua função original.

Estou nesse mundo da computação há pelo menos vinte anos e desde então vemos inúmeras transformações. Algumas revolucionaram a forma como nos comunicamos, como trabalhamos e até como estabelecemos e mantemos as relações humanas, mas acredito que chegamos à beira do abismo. Meu computador está perdendo sua função original.

Ele ainda me permite escrever cartas, realizar cálculos e até corrigir uma fotografia mal tirada, gravar um cd ou me divertir com jogos e vídeos, mas tem sido degradado dia após dia com o volume de lixo, tarefas sem valor agregado e ameaças que chegam através dos emails e da banda larga.

Como usuário atento que somos, não nos resta alternativa senão manter o sistema operacional atualizado automaticamente, o que nos obriga a desligar e ligar o computador à cada semana e aturar uma longa espera até a completa instalação das correções. Como se não bastasse, somos forçados a instalar antivírus, antispymware, antispam, antiworm, antiintruso, antitrojan e, digamos, 'antitudo', o que sobrecarrega o processamento, enche a barra de tarefas e toma nosso tempo com inúmeras mensagens instantâneas que, por vezes, sequer deciframos. Muitas vezes ainda temos que instalar mais de uma programa com a mesma função, pois, por não serem à prova de falhas, um acaba tapando o furo deixado por outro, o que também eleva o volume de processos em andamento e consome CPU. Para tornar a experiência ainda mais frustrante, o email, melhor aplicativo e serviço web no meu ponto de vista, virou brincadeira. Se gasta mais tempo identificando email falso, SPAM, e golpes de toda natureza do que realmente lendo e respondendo os emails importantes. Temos ainda que visitar frequentemente a pasta de JUNK MAIL, pois como a função de autofiltro não é confiável, é preciso se certificar de que não há nada legítimo e importante sendo jogado no lixo irresponsavelmente. O sistema operacional, por sua vez, fica pedindo autorização à cada momento que um programa tenta escrever no registro ou mesmo mexer em alguma configuração, papel esse que deveria ser devidamente executado pelo próprio, que já custa caro e se propõe a administrar os hardwares e softwares. O pior acontece quando legitimamente queremos alterar um arquivo e, por razão ainda desconhecida, o dito inteligente sistema operacional não nos autoriza por julgar perigoso ou ameaçador. E não é só. No meio de tudo isso, ainda existem os programas que se comportam mal ou simplesmente apresentam mal funcionamento, o que não é incomum. Basta alguma DLL da sua console de segurança pifar que os problemas começam a surgir exponencialmente a ponto de você se questionar: afinal, trabalho para o computador ou ele é que deveria estar trabalhando para mim? Ou ainda, porque perdi as últimas 2 horas à frente do computador atualizando software, desligando alerta, autorizando acessos e deletando emails?

Pois é isso mesmo! Os computadores parecem estar em conflito de identidade. Não cumprem mais seu papel de forma previsível. Se mantém ocupados com coisas que não têm importância para o usuário e insistem em requerer atividades deles, quando estes deveriam ser tratados como clientes e não como fornecedores. Por certo, algo muito similar ao que

vem ocorrendo na indústria da telefonia móvel onde celulares fazem de tudo um pouco e já começam a falhar em sua atribuição principal de fazer chamadas.

Desabafo? Que nada! É um relato verídico de como a experiência dos usuários têm sido frustrante no uso do computador. É hora de abandoná-lo? Certamente que não, mas tudo me leva a acreditar que é hora de repensarmos os papéis e procurarmos alternativas à essa estúpida tendência de trabalhar para as máquinas. É hora de colocar cada um no seu lugar. Os fabricantes de hardware têm que rebolar para que seus equipamentos simplesmente funcionem sem que o usuário tenha que passar pela tortura de localizar e instalar drivers. Os fabricantes de software, por sua vez, têm que fazer o mesmo e entregar seus produtos devidamente protegidos e encapsulados de forma a tornar toda essa bagunça de correção, atualização e proteção, oculta para o usuário, permitindo-o agir como usuário e não como um técnico especialista em tudo. Os prestadores de serviço de email e banda larga, por exemplo, precisam filtrar o lixo evidente e encontrar meios de entregar um serviço mais limpo, mais previsível e de melhor qualidade. Se para isso as máquinas tiverem de ser mais padronizadas, mais conservadoramente configuradas ou mesmo ter seus recursos limitados, que seja. Definitivamente prefiro um telefone celular básico que faça chamadas à todos os demais que plantam bananeira e falham na hora de dizer alô.

Marcos Sêmola é Global IT GRC Manager da Shell International Limited Gas & Power na Holanda, CISM, BS7799 Lead Auditor, PCI Qualified Security Assessor; Membro fundador do Institute of Information Security Professionals of London. MBA em Tecnologia Aplicada, Professor da FGV com especialização em Negociação e Estratégia pela London School, Engenheiro de Ciências da Computação, autor de livros sobre gestão da segurança da informação, governança e inteligência competitiva. É ainda fotógrafo Getty Images com trabalhos publicados no Brasil, Estados Unidos, França, Inglaterra e Holanda www.s4photo.co.uk Visite www.semola.com.br ou contate marcos@semola.com.br

Nota: Este artigo expressa exclusivamente a opinião pessoal do autor, não representando necessariamente a opinião da empresa citada.